

ANDARILHAGENS ESPERANÇANTES

Proseio e Pro-Vocações para a Festa das Tendas



***“A linguagem é viva, quando falam as obras.
Cessem, portanto, os discursos e falem as obras.”*** (Santo Antônio)

Querido Antônio,

Ouso começar nosso proseio com a palavra acima, extraída de um dos teus sermões do décimo terceiro século, ainda relevante e necessária para nossos dias. Escrevo-te desde Bocaina do Sul, onde tu és venerado em duas comunidades bem diversas. A primeira, Pinheiro Mercado, que acolheu no mesmo território os negros escravizados que subiram a Serra depois de serem dispensados das armações de baleias no litoral catarinense e os povos indígenas que sobreviveram ao genocídio dos bugreiros. A segunda, Campinas, no vale do rio Canoas, onde se abrigaram os migrantes sem terra de Serra Abaixo,

descendentes dos igualmente desterrados imigrantes italianos e alemães. Com a proteção de Nossa Senhora da Boa Viagem, sirvo essas e outras dezessete comunidades que me acolheram no final da década de 1980 no estágio pastoral e gestaram o meu perfil diaconal. Hoje, quase quarenta anos depois, essas mesmas comunidades testemunham e sustentam os últimos tempos do meu ministério.

Daqui a cinco meses, celebraremos a vigésima oitava Festa Diocesana das Tendas, na paróquia Nossa Senhora dos Campos, em Correia Pinto. Como acredito que o tempo é superior ao espaço e, como ensina o teu e nosso amigo Francisco, devemos nos preocupar mais em iniciar processos do que contabilizar os resultados dos eventos, mais uma vez insistirei em fazer pro-vocações para o caminho de preparação da Festa, como pequenos retalhos de uma colcha sempre em costura. Minha insistência é uma forma de re-existência, na liberdade e na consciência de que sou mais útil do que necessário nas recentes escolhas pastorais desta igreja local. *“Eu não vou me adaptar!”*, canto esse mantra de Arnaldo Antunes enquanto leio tua biografia de contínua itinerância, mudando de nome, de hábito e de lugar, para carregar nos braços e no coração o Evangelho do Amor. Sim, a proximidade dos sessenta anos tem me ensinado que é preciso mudar, recusando me adaptar, para permanecer fiel até o fim.

Foram noturnos os tempos de pandemia. Ainda mais, porque potencializaram a pan-demonia que já se desenhava em vários cantos do planeta, inclusive entre nós. O avanço da extrema-direita e o reacionarismo de todas as suas manifestações, na sociedade e nas igrejas, ainda nos deixam perplexos. Assistimos a uma brutalização das relações humanas e a uma relação cada vez mais predatória com a Vida em todas as suas manifestações. As narrativas de ódio e de eliminação dos divergentes tornaram-se normais e justificadas. O isolamento, necessário por um período, causou doenças e feridas que custam a cicatrizar, nos corpos e nas almas. A banalização da vida e da morte, a indiferença e o negacionismo, esfacelaram os frágeis vasos de barro onde guardamos o tesouro das pequenas centelhas de esperança.

No entanto, *“a esperança não engana”*, escreve Paulo às comunidades de Roma (cf. Rm 5,1-5) e, neste ano, Francisco ao convocar o Jubileu de 2025. Entre o apóstolo e o papa, dois grandes educadores brasileiros: Carlos Rodrigues Brandão (1940-2023) e Paulo Freire (1921-1997). Ambos concordam que o que nos torna humanos é o desejo de andarilhar, caminhar junt@s, viver em constante e vital travessia, transitar entre um estar aqui e um contínuo partir. *“Cada encontro é também despedida”*, cantaria depois Milton Nascimento.

E de andarilhagem tu entendes, Antônio. Foi o desejo missionário que te aproximou de Francisco, o de Assis. Neste ano, as andarilhagens esperançantes aproximam Francisco, o bispo de Roma, dessa pequena porção do povo de Deus que está na diocese de Lages. Sim: a con-vocação jubilar de Francisco é também a con-vocação para esperançar a Festa Diocesana das Tendas. Em ambas, mergulhamos novamente em nossa vocação primordial: *“somos povo em travessia”, “somos gente da esperança”!*



Desde as suas origens bíblicas e, na diocese de Lages desde 1997, quando celebramos a festa pela primeira vez, tenda tem a ver com palavra e palavra que não é discurso, mas ação. Palavra que se faz gente e vem armar sua frágil tenda entre nós. Para o povo que fez as andarilhagens bíblicas, Deus também é andarilho, peregrino da esperança, de tenda em tenda, de acampamento em acampamento. Foi o que Fabian nos ensinou cantando na primeira festa: *“A palavra de Deus faz sorrir, faz cantar. Faz o sonho do povo brilhar!”*, inspirado no compositor João Bosco: *“Vida é fazer todo sonho brilhar!”*. E o sonho do povo só vai brilhar quando *“os poderosos forem derrubados de seus tronos”*, como profetizou Maria em andarilhagem diaconal na porta santa da casa de Isabel. Assim como as armas de guerra devem se tornar enxadas e foices, templos e palácios devem ser transformados em tendas e casas, onde tod@s possam *“ter voz, ter vez, lugar”*. E os lobos, se quiserem

pastar na mesma relva com os cordeiros, deverão modificar radicalmente seu paladar e seus hábitos alimentares.

Na manhã deste dia 13 de junho, Francisco publicou a Mensagem para o oitavo Dia Mundial dos Pobres, nomeando-te *“patrono dos pobres”*. E quantas pessoas empobrecidas se aproximam de ti para pedir o pão de cada dia, o conforto de uma palavra consoladora, um amor para aliviar a solidão. *“A oração do humilde penetrará as nuvens, e não se consolará, enquanto ela não chegar até Deus. Ele não se afastará, enquanto o Altíssimo não olhar, não fizer justiça aos justos e restabelecer a equidade. O Senhor não tardará nem terá paciência com os opressores”* (Sir 35, 17-19). Inspirado por esse texto do livro de Ben-Sirá, Francisco nos convida a orar com os pobres, tornar-nos próximos deles e compartilhar dos seus sofrimentos: *“Os pobres têm ainda muito para ensinar, porque numa cultura que colocou a riqueza em primeiro lugar e que sacrifica muitas vezes a dignidade das pessoas no altar dos bens materiais, eles remam contra a corrente, tornando claro que o essencial da vida é outra coisa.”*

Antônio, essa tem sido a busca eclesial e espiritual da Festa Diocesana das Tendas, desde as suas origens: uma igreja que retorne à essencialidade do evangelho, uma igreja pobre com os pobres, samaritana e madalena, misericordiosa e despojada, livre dos *“panos, fumaças e brilhos”* do sacro-negócio que a tornam refém da cristandade neocolonial e dos devocionalismos que convertem discípulos-missionários em clientes e imitadores de *“pregadores que pregam a si mesmos e ao invés de servir a Cristo, servem aos seus próprios apetites”* como denunciou o padre Antônio Vieira, em São Luiz do Maranhão, em 13 de junho de 1654. O sermão de Santo Antônio aos peixes, pregado há 370 anos deveria ecoar também na igreja que está em Lages: *“Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá que nem voe e nem nade!”*.

Assim como a Festa das Tendas, *“o Dia Mundial dos Pobres tornou-se um compromisso na agenda de cada comunidade eclesial. É uma oportunidade pastoral que não deve ser subestimada, porque desafia cada fiel a escutar a oração dos pobres, tomando consciência da sua presença e das suas necessidades. É uma ocasião propícia para realizar iniciativas que ajudem concretamente os pobres, e também para reconhecer e apoiar os numerosos voluntários que se dedicam com paixão aos mais necessitados. [...] No caminho para o Ano Santo, exorto todos a fazerem-se peregrinos da esperança, dando sinais concretos de um futuro melhor. Não nos esqueçamos de guardar «os pequenos detalhes do amor» (Gaudete et Exsultate, 145): parar, aproximar-se, dar um pouco de atenção, um sorriso, uma carícia, uma palavra de conforto... Estes gestos não podem ser improvisados; antes, exigem uma fidelidade quotidiana, muitas vezes escondida e silenciosa, mas fortalecida pela oração. Neste momento, em que o canto da esperança parece dar lugar ao ruído das armas, ao grito de tantos inocentes feridos e ao silêncio das inúmeras vítimas*

das guerras, dirijamos a Deus a nossa invocação de paz. Somos pobres de paz e, para a acolher como um dom precioso, estendemos as mãos, ao mesmo tempo que nos esforçamos por costurá-la no dia-a-dia.”

Caminha conosco, Antônio. Tu com o Menino Jesus nos braços. Nós, o povo serrano, com a urgência do Evangelho nos pés! Andarilhemos junt@s, proseando e pro-vocando sempre, costurando esses e outros retalhos de vida e testemunho, esperando a 27ª Festa Diocesana das Tendas e a celebração do Dia Mundial do Pobre, em Correia Pinto, no próximo dia 17 de novembro de 2024. Juntemos a nossa voz e nossas mãos, nossos pés e nossos corações aos irmãos e irmãs que ainda ousam abrir as portas de suas igrejas para fora e entrar pelas Portas Santas nos territórios periféricos das pessoas empobrecidas como nos ensinou o bispo, poeta e profeta do Araguaia pelo seu testemunho missionário e suas Trovas ao Cristo Libertador:

*Olhar ressuscitado, todo o teu Corpo
acompanhando a marcha lenta do povo.*

*Todo Tu debruçado, como um caminho,
traçando em tua Carne nosso destino.
No azul do Araguaia os roxos medos,
no sol de tua glória nossos direitos.
Sangue vivo no verde das índias matas,
faixas gritando viva a Esperança!*

VIVA A ESPERANÇA! VIVA A ESPERANÇA!

*Procissão de oprimidos, rezando lutas,
e Tu, Círio de Páscoa, flor de aleluias.
Páscoa nossa imolado, em Ti enxertos,
como Tu perseguidos, por Ti triunfamos.
Libertador vencido, vencendo tudo,
companheiro dos pobres, donos do mundo.*

VIVA A ESPERANÇA! VIVA A ESPERANÇA!

*Guerrilheiro do Reino, maior guerrilha,
Tua cruz empunhamos em prol da vida.
Nossos mortos retornam, com nossos passos,
em teu Corpo vivente, ressuscitados.
Em Ti, cabeça nossa, Libertador,
libertos, libertando, erguemo-nos.*

VIVA A ESPERANÇA! VIVA A ESPERANÇA!



“Podem nos tirar tudo, menos a fiel esperança!” (Pedro Casaldáliga)

pe. José Roberto Moreira

Bocaina do Sul, 13 de junho de 2024 – Memória de Santo Antônio